

---

## **A representação da identidade negra na telenovela *O outro lado do Paraíso*, da TV Globo. A desconstrução do estereótipo.<sup>1</sup>**

Larissa VEILLARD<sup>2</sup>  
Francisco MALTA<sup>3</sup>

Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. Ibmec, RJ.

### **Resumo**

A proposta deste artigo é abordar o universo da telenovela e os eixos que movimentam e fazem funcionar este singular texto dramático. A complexidade deste trabalho autoral, predominantemente gerada pelo autor, confere ao gênero telenovela uma depuração de linguagem e, conseqüentemente, um efeito estético específico, onde as palavras viram imagens e espaço de discussão nas redes sociais. Trata-se de um processo complexo, já que lida com uma variabilidade de tendências vindo de diferentes profissionais que trabalham na concepção do capítulo audiovisual. Como corpus vamos trabalhar com a telenovela *O outro lado do Paraíso* e discutir a questão da representação do negro em sua trama. Para fomentar a discussão escolhemos trabalhar com Marlyse Meyer (2005), Frédéric Martel (2012) e Maria Immacolata Lopes (2013), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Roteiro, Telenovela, Walcyr Carrasco

### **Introdução**

“A telenovela é uma instituição no Brasil.” (ARRAES apud MARTEL, 2012, p.306). Essa assertiva vem ao encontro deste produto cultural brasileiro que é bastante difundido em nossa sociedade, afinal, quando se fala em telenovela no Brasil, muitos são a favor ou contra, mas o importante é que o público sempre comparece. É comum filia-la ao romance-folhetim quando abordamos sua origem, explicando sua ligação com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ-04-Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante do sétimo período do curso de Jornalismo no Ibmec, RJ, e-mail: larissaveillardr@gmail.com

<sup>3</sup> Professor orientador. Roteirista de cinema e TV. Doutorando na Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro. Professor nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Direito do Ibmec/RJ, e-mail: chicomalta@gmail.com.

---

a estrutura literária do século XIX. Essa narrativa em forma de folhetim eletrônico via de regra visa o entretenimento do público, tal como foi o folhetim literário.

Produto da TV Globo, a telenovela *O outro lado do Paraíso*, escrita por Walcyr Carrasco, estreou com objetivo de manter o público que prestigiou a novela anterior, *A força do Querer*, de Gloria Perez. A trama principal apresentou desde o início o Tocantins como cenário para o folhetim que fala de vingança e da lei do retorno. Este aspecto já trouxe um diferencial para o telespectador pelo viés do cenário não explorado e pouquíssimo conhecido dos frequentadores do horário nobre. Para Martín-Barbero, “os gêneros, antes de categorizarem narrativas, ocupam um lugar exterior à obra, a partir do qual o sentido da narrativa é produzido e consumido” (BARBERO, 2001, p.36). E o sentido da narrativa de Carrasco vem no contexto das discussões que assomam o país, onde o público assiste aos vilões da vida real escaparem impunes.

Autor sempre atento às observações cotidianas, essa não é a primeira vez que Carrasco escreve para o horário nobre. Foi sua telenovela *Amor à vida* (2014), a responsável por levar o primeiro beijo gay ao ar em um folhetim no horário nobre. Também trouxe polêmica com a telenovela *Verdades secretas* (2015), ao expor o mundo das modelos como garotas de programa. Em *O outro lado do Paraíso*, o autor traz para as cenas temas como violência doméstica, homofobia, nanismo, pedofilia e preconceito racial. Alguns questionamentos são importantes de serem discutidos: será que a telenovela *O outro lado do Paraíso* representa a identidade do negro no audiovisual? A telenovela é um exemplo da indústria cultural televisiva, difusora de imagens da Identidade e da Diferença, do Eu e do Outro.

Com uma temática forte e uma trama livremente inspirada em *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, assim que os primeiros capítulos foram ao ar, o público não compareceu e foi preciso fazer rápidos ajustes e trazer a mocinha como vingativa. Os ajustes deram certo e, aos poucos, o público voltou a comparecer, transformando a telenovela em um fenômeno de audiência não visto desde *Avenida Brasil*, de 2012, escrita por João Emanuel Carneiro.<sup>4</sup> Maria Immacolata Lopes diz que a telenovela se constitui em uma “narrativa nacional, popular e artística.” (LOPES, 2013, p.18). Segundo Lopes, a telenovela envolvente é capaz de ditar modas, interferir sobre comportamentos, valores, hábitos e até mesmo a linguagem do espectador.

---

<sup>4</sup>CARRASCO. Walcyr. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/bastidores/walcyr-carrasco-comemora-sucesso-de-o-outro-lado-do-paraiso.html>. Acesso em 18/03/2018

---

O apelo narrativo que vigora na trama cria uma identificação com o seu público, onde, mesmo estando dentro de sua própria casa, se sente acolhido pelos personagens criados pela telenovela. Tamanha verossimilhança fez com que as redes sociais se tornassem termômetro para a TV Globo avaliar a repercussão de suas tramas. Em um momento de constante transformação na TV, uma obra que registra acima de 30 pontos diariamente no Ibope é motivo de comemoração. Afinal, cada ponto corresponde a e 70,5 mil domicílios.<sup>5</sup>

### **O outro lado do Paraíso: a trama em si**

O outro lado do Paraíso é escrito por Walcyr Carrasco, com colaboração de Nelson Nadotti, Vinícius Vianna e Marcio Haiduck. A direção foi de André Barros, Henrique Sauer, Pedro Peregrino, Mariana Richard, Fábio Strazzer e Caio Campos, direção geral de André Felipe Binder e direção artística de Mauro Mendonça Filho. “Tudo o que você faz um dia volta para você”. Foi com este refrão da música *Boomerang Blues*, de Renato Russo, que o autor vendeu a sinopse da novela para a emissora. A certeza de que um dia a justiça chega para todos pode ser o único caminho quando a esperança está por um fio. É a Lei do Retorno que entra em ação. Segundo Carrasco, “através da saga da heroína Clara temos os elementos do folhetim clássico em uma estrutura romântica por excelência, mas com temáticas modernas”.<sup>6</sup>

Ambientada no Tocantins, especialmente na região paradisíaca do Jalapão, a novela vai contar a história de Clara, que vive na cidade com o avô Josafá. A mudança no destino de Clara é selada quando ela conhece Gael, herdeiro de uma família de Palmas, que passa uns dias de férias no Jalapão. A atração entre os dois é imediata e ela, sem dúvidas do que sente, se entrega a essa paixão que a levará do céu ao inferno. Além do temperamento agressivo de Gael, Clara enfrentará ainda o maior de seus obstáculos para ser feliz: Sophia, sua sogra. Estrategista, a matriarca quer acabar com os planos de casamento do filho, mas muda de ideia ao descobrir que há esmeraldas nas terras de Clara. Sophia enxerga nesta oportunidade a chance de salvar sua família da decadência

---

<sup>5</sup>IBOPE: Disponível em: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/audiencia-da-tv/as-tabelas-de-audiencia-das-novelas-em-exibicao-15.html>. Acesso em 13/02/2018.

<sup>6</sup>Carrasco. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/bastidores/walcyr-carrasco-comemora-sucesso-de-o-outro-lado-do-paraiso.html>. Acesso em 18/02/2018

e, para realizar todos os seus desejos, terá de convencer – ou forçar! – Clara e seu avô Josafá a permitirem o garimpo de pedras no local. Sophia, porém, desconhece empecilhos. Ela finge ser amiga, apoiando a nora todas as vezes em que Gael se descontrola e explode. Clara é convencida de que é uma fase, perdoa o marido, engravida. É neste universo que vive também Raquel uma moça pobre do Quilombo e trabalha como empregada doméstica na casa do Juiz Gustavo. Ela é a melhor amiga de Clara e fará de tudo para abrir os olhos da mesma em relação à Sophia. O próximo passo de Sophia é tirar Clara do seu caminho, nem que para isso precise usar o próprio filho. Com a ajuda de sua filha Lívia, do psiquiatra Samuel, do delegado e do juiz Gustavo, Sophia executa seu plano sórdido: isola Clara por dez anos em uma clínica psiquiátrica, numa ilha. Clara, todos os dias, procura entender os motivos que a levaram até ali. Com o passar do tempo, se fortalece e percebe que foi vítima de um grande golpe. Ela planeja voltar para resgatar sua vida e, sobretudo, o filho Thomas, e ver seus verdadeiros algozes pagarem por anos de sofrimento. A sua única saída será Beatriz, uma senhora que há tempos foi esquecida pela família internada na ilha e que guarda um valioso segredo.<sup>7</sup>

É Renato quem descobre o hospício onde Clara está internada. Na sequência levada ao ar, Renato acha uma maneira de tirar Clara do hospício no qual foi internada por Sophia. Para isso, ele coloca a moça no caixão, que seria de Beatriz. Renato então tem a ideia de colocar Clara em um caixão para conseguir fugir com a moça. O doutor só não esperava que os mortos fossem arremessados de um penhasco, o que de fato aconteceu. A sequência eletrizante de *O Outro Lado do Paraíso* deixou os internautas em polvorosa e explodiu na web. Clara foi jogada dentro de um caixão do precipício do hospício. Ela se salva com ajuda de um pescador e segue para o Rio de Janeiro onde se apossa da fortuna herdada por Beatriz. Milionária, após ganhar a herança de Beatriz, Clara volta à cidade de Palmas. Apresentada como a nova Embaixatriz da Infância de Tocantins, a mocinha surpreendeu à Sophia e aos aliados da vilã que armaram a internação da jovem no hospício. "Não imaginam o prazer que é estar de volta"<sup>8</sup>, afirmou a ex-mulher de Gael.

<sup>7</sup> O OUTRO LADO DO PARAÍSO: Sinopse: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso>. Acesso em 14/04/2018

<sup>8</sup> O OUTRO LADO DO PARAÍSO: Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso>. Acesso em 19/04/2018.

Para o retorno da protagonista, definida em sua nova fase como empoderada pelo diretor artístico da trama, foi escolhido o hit "BlazeofGlory", da banda Bon Jovi. Nas redes sociais, a música arrancou elogios.<sup>9</sup>"Que cenão da Clara hoje, hein? E com "Blazeofglory" do Bon Jovi ao fundo deixou tudo ainda melhor!", opinou um. "Clara ícone, cena ícone merecem um ícone como Bon Jovi cantando *BlazeofGlory*, a pessoa que escolheu a música para tocar na cena acertou em cheio", opinou outro. Para o diretor artístico, Mauro Mendonça Filho, que assumiu inspiração em *Paris Texas*, de Wim Wenders, "O Jalapão é um lugar mágico, um sertão diferente. Uma região bem árida com grandes cânions e, ao mesmo tempo, com cachoeiras, rios e fervedouros. É a natureza em estado puro. Nosso objetivo é conseguir captar toda a beleza da região", explica o diretor.<sup>10</sup> Nesta segunda fase da trama temos também o retorno de Raquel, antes uma empregada doméstica e agora uma juíza concursada e que volta para cidade para exercer o cargo com maestria. O primeiro embate da juíza negra é com sua ex-patroa Nádia que cai dura ao oferecer um jantar para nova juíza da cidade e se deparar com sua ex-empregada.

### **Do folhetim literário ao folhetim eletrônico**

O roteiro da telenovela, assim como o folhetim, compreende uma organização de ideias do autor. Tecnicamente, é um textodramático, baseado em um argumento, composto por cenas, sequências, diálogos e algumas indicações técnicas de relevância para entendimento da produção.

Segundo Meyer, no início do século XIX, o folhetim, lefeuilleton, "a princípio designa um lugar específico, ou seja, um lugar geográfico dos jornais franceses: o rés-do-chão, ou rodapé." (MEYER, 2005, p.57). O espaço era dedicado a diversas atrações de entretenimento, como piadas, críticas culturais, culinária e relatos de crimes. Isso revolucionou o formato de publicação de romances. Émile Girardin, do jornal *La Presse*, decide publicá-los em fatias seriadas, sem preocupar-se com a fórmula específica para esse formato de editoração, ou seja, a despreocupação com o corte, sem

---

<sup>9</sup> O OUTRO LADO DO PARAÍSO: Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/retorno-de-clara-a-palmas-em-o-outro-lado-do-paraiso-agita-web-> Acesso em 19/03/2018.

<sup>10</sup> Idem acima

---

estabelecer uma continuidade da narrativa, sem uso de elementos específicos que garantissem a atração do leitor sobre o texto.

A pesquisadora Maria Immacolata Lopes (2013) aponta que foi a partir do aumento da autonomia e da criatividade dos editores de jornais e revistas que o folhetim começou a ganhar relevância entre as publicações e serviu como grande atrativo para as vendas dos jornais, abrindo caminhos para novas modalidades de escrita do gênero: a ficcional e a serial. É importante ressaltar que, depois de publicados em jornal, os romances também saíam em volume. Segundo Lopes, “sua consolidação em 1936 estabelecerá o consumidor das histórias fundadas a partir do “continua amanhã”. (LOPES, 2013, p.87). Visto como o primeiro produto, de fato, da cultura popular, o folhetim também suscitava a vontade do público em participar e colaborar para o desenvolvimento das tramas. Este é um ponto em comum com as telenovelas. Isso porque frequentemente leitores enviavam cartas para as redações dos jornais, propondo desfechos, destinos de personagens e buscando saber detalhes a mais das histórias. Neste período é iniciada a era da carta do leitor e o folhetim começa a ser moldado de acordo com os desejos do público, que quer se identificar com os personagens e, simultaneamente, vê-los como uma realização de si próprios. Ou seja, mesmo antes da tecnologia já existia um espaço de interatividade com os leitores. Praticamente ao mesmo tempo, o fenômeno chega ao Brasil.

Segundo Meyer (2005), os jornais brasileiros publicaram romances de grandes escritores, como Dostoiévski, Machado de Assis e José de Alencar, no formato de folhetim. Os autores franceses que escreviam folhetins, especialmente para os jornais, também foram traduzidos e recebidos com êxito pelos leitores da elite brasileira.

Marlyse Meyer (2005) pontua que o escritor da segunda fase, abandona o folhetim romântico e foca na perspectiva social. Autores como Balzac e Richebourg vão abordar mais as questões sociais da época e principalmente a condição feminina, onde a trama vai se desenvolver através de uma ou mais mulheres centrais que irão compartilhar dilemas como: a mulher que errou antes do casamento, jovem seduzida, raptada, engravidada e abandonada. Estes temas aparecem com o objetivo de educar a mulher através da heroína, que supera as dificuldades através do estudo. Esta forma específica de produção de romance passa a ser um novo gênero literário, conhecido como “literatura industrial”, menosprezado pelos intelectuais. Outro elemento de ligação com as telenovelas, que durante anos foram ignoradas pela academia. Marlyse

---

Meyer explica que a “literatura industrial é uma expressão criada por Sainte-Beuve para depreciar o emergente gênero literário.” (MEYER, 2005,p.59). A década de 1840 marcou definitivamente a consolidação do romance-folhetim como gênero específico.

Os elementos da estrutura do romance folhetim encontram-se presentes na narrativa do folhetim eletrônico. Durante a exibição de *O Outro lado do Paraíso*, o locutor resgata para o telespectador a seguinte mensagem “No capítulo anterior” e surge um compacto com as cenas marcantes para dar seguimento ao capítulo do dia enquanto surge a voz do locutor novamente: “Fique agora com o capítulo de hoje”.<sup>11</sup> Essas informações são importantes para o telespectador, pois o situa no desenrolar da trama daquele dia. Essa reiteração do capítulo é uma técnica do folhetim, visto que o telespectador que por ventura sentou pela primeira vez para assistir ao episódio não ficará de fora do entendimento. O capítulo exibido possui um arco dramático, mas a história rumo sempre para novos acontecimentos.

### **Metodologia**

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário acompanhar diferentes capítulos da telenovela, assim como leitura de artigos especializados e ainda entrevistas do autor, atriz e um apanhado também do papel do negro no Audiovisual em outros países, principalmente na indústria Hollywoodiana.

### **A representação do negro na telenovela**

Walcyr Carrasco é um autor multifacetado. O mesmo já escreveu para todos os horários na TV Globo e obtendo grande sucesso de audiência. A assertiva vai ao encontro da grife que a própria TV Globo colocou para os autores que escrevem no horário mais desejado da casa. Para Foucault, a função do autor “expressa modos de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos.” (FOUCAULT, 1992, p.46). Ou seja, o nome estabelece ligações do nome de quem faz com aquilo que foi feito. O público que acompanha as telenovelas reconhece nas tramas do autor o universo comum em suas narrativas como discutir a diversidade, a tolerância e a dificuldade de compreender o que é diferente de nós. O que não significa que o autor não transite por

---

<sup>11</sup>O OUTRO LADO DO PARAÍSO: Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6522185/programa>. Acesso em 19/02/2018.

outros universos. A título de exemplificação, temos: *O Cravo e a Rosa* (2001), a minissérie *Gabriela* (2012) e *Chocolate com Pimenta* (2003). Tanta versatilidade permeia a formação da autor, visto que ele já publicou obras infantise também escreveu para teatro. Em 2016 foi o vencedor do Emmy Internacional, o maior prêmio da televisão mundial, na categoria telenovela por “Verdades Secretas”.<sup>12</sup>

A telenovela existe no Brasil há mais de sessenta anos e desde então o público habituou-se a acompanhar suas longas tramas por meses e se envolve tanto que o horário da telenovela define o horário de jantar em muitas casas. Para Maria Immacolata Lopes:

A telenovela converteu-se em um fator decisivo para criação na televisão de uma capacidade produtiva nacional, que se refletiu não só numa crescente e qualificada produção como também na maneira específica como se apropriou do gênero ficcional, recriando-o, ou seja, produzindo a nacionalização do gênero. (LOPES, 2013, p.12)

O processo de carpintaria das tramas traz para o autor o olhar atento ao desejo do público. Não por acaso no último ano tivemos a premiação do Oscar, onde o filme laureado abordava o olhar para as diferenças: *Moonlight*, de Barry Jenkins, (2017)<sup>13</sup>. Mais do que isso, em todos os filmes indicados ao Oscar um elemento em comum dialogava com todos: a questão da casa. O deslocamento dos personagens e a busca pelo acolhimento. Essa ideia também está no folhetim de Walcyr Carrasco, pois os que sofrem a indiferença, na verdade buscam o acolhimento. Um lar como proteção e refúgio. É o diálogo com o clássico das narrativas já apresentado por Homero, com o dilema de Ulysses voltando para Ítaca.

A representação da raça negra nas telenovelas nem sempre reflete o que temos na sociedade. Em sua grande maioria, seus personagens seguem a linha dos estereótipos, esbarrando em clichês os quais já estamos acostumados. O negro sendo empregado ou bandido, mas sempre ali na classe marginal, à margem da sociedade. Salvo o fato “época”, onde o fazer narrativo do folhetim eletrônico acaba por reforçar as ideias tão disseminadas em nossa sociedade, onde o negro é sempre o inferior e o subalterno.

Em O outro lado do Paraíso, o autor Walcyr Carrasco toca na ferida escondida de parte da nossa sociedade. A personagem Raquel, interpretada por Erica Januzzi,

<sup>12</sup>CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/11/novela-verdades-secretas-ganha-o-emmy-internacional-2016.html>. Acesso em 19/03/2018

<sup>13</sup>Vencedores do Oscar: Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/oscar-2017-veja-lista-completa-dos-vencedores-20985746>. Acesso em 21/02/2018.



inicia a trama como uma empregada doméstica e neste tecer narrativo acaba por se envolver com o filho do patrão; este por sua vez, um homem branco, jovem e viril, bem ao gosto do que uma sociedade espera de um homem heterossexual. O que podia ser apenas uma diversão entre patrão e empregados vira uma história de amor, porém a família não aceita o fato da moça ser negra, e a trama segue o mesmo dilema trazendo ao debate a herança que a família patriarcal nos deixou desde Casa Grande e Senzala.

A abordagem do tema é sensível quando se fala para milhões de brasileiros todos os dias. Embora o Brasil seja um país constituído por uma grande maioria da população negra não é muito comum vermos negros ocupando espaços no universo da televisão. É possível perceber em todas as emissoras um número muito pequeno, principalmente, nos telejornais. Ao que tange a dramaturgia, desde que surgiu a lei de cotas, o número de personagens negros tornou-se obrigatório, mesmo assim, a representação ainda se dá de forma estereotipada. A título de registro vale destacar que a maioria dos representantes negros que vemos na televisão são os de pele mais clara e de traços finos, o que, de certa forma, ainda é um tipo de preconceito.

## **Resultados esperados**

Os papéis negros na mídia brasileira são extremamente inferiores em relação aos brancos, principalmente comparado à mídia americana, onde o racismo é mais explícito, no entanto, atores negros ganham papéis de destaque e empoderados, como no filme *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) o ator Duane Jones protagonizou o longa ainda na época em que negros lutavam para conseguir um espaço de destaque. Os filmes e séries americanos costumam trazer histórias verídicas sobre a luta de algum negro, como no filme *12 Anos de Escravidão* (2013), *O Mordomo da Casa Branca* (2013) e a série *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005 – 2009). A série é inspirada nas experiências do ator Chris Rock, trazendo dramas do dia-a-dia com a família, com relacionamentos e com o local onde mora, o bairro de *Bed-Stuy*, em Nova Iorque.

Também há séries fictícias com negros em destaque, como a série exibida pela Nickelodean, *Kenan & Kel* (1996 – 2000), onde dois amigos atrapalhados vivem se metendo em confusão; a série produzida pela Touchstone Television (atual ABC Studios), *Eu, a Patroa e as Crianças* (2001 – 2005), conta a história de Michael Kyle, um marido carinhoso e um pai moderno que ensina regras de convivência com um estilo

diferenciado; e a série do Disney Channel, *As Visões da Raven* (2003 – 2007), estrelado pela atriz Rave-Symoné, conta a história de uma adolescente que tem o poder de prever o futuro.

Já no Brasil, as histórias sendo verídicas ou fictícias, é comum ver o negro sendo representado como o pobre, favelado, bandido, a pessoa que gosta de samba (como se vivessem um carnaval o ano todo), mesmo que ele esteja atuando em um papel protagonista, reforçando um estereótipo tradicional. Para Muniz Sodré:

O jornal se dirige à mente. A rádio se dirige à mente. A televisão, porém, efetivamente ajuda mais a compor o ambiente, ajuda a fazer o que eu chamo de bios-mediático. Por quê? Por que a televisão cria um ambiente simulativo. Ela cria uma outra realidade e amplia sua própria realidade, onde o indivíduo imerge. Então não é apenas a questão do efeito de conteúdo que está em jogo. O que está em jogo ali é uma administração do tempo do sujeito, administração das consciências, a criação de uma vida vicária, substitutiva. (SODRÉ, 2001, p. 19)

Em um país onde metade da população é negra, há uma escassez de representatividade. De acordo com os números do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mostram que de 2002 a 2014, homens brancos dominaram o elenco principal das 20 maiores bilheterias de cada ano, representando 45% dos papéis mais relevantes. Em seguida vêm as mulheres brancas, representando 35%. Os homens negros representam apenas 15% e as mulheres negras 5%.<sup>14</sup>

Especialistas apontam que ao longo de pelo menos 40 anos de teledramaturgia, para além das novelas de época, a presença de personagens negros evoluiu na TV brasileira. Houve um aumento da participação nos anos 1980 por conta das tramas de época, uma queda nos anos 1990 com a diminuição desse tema e uma leve subida a partir dos anos 2000.

O negro nas telenovelas sempre esteve no papel de bandido, empregado ou qualquer outra função que seja subalterna. O primeiro a conquistar esta luta foi o diretor e ator Zózimo Bulbul, ao protagonizar a novela *Vidas em Conflito* (1969) na extinta *TV Excelsior*. A discussão vem de longas décadas. Um exemplo feliz deste contexto é a *Novela A próxima vítima*, de Silvio de Abreu (1995), o autor foi o primeiro a retratar uma família somente de negros e de classe média. Em 2009, o autor Manoel Carlos

<sup>14</sup>FARIAS, Carolina, 2018, Folhapress. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/diversao/2018/03/30/NWS.63664.71.552.DIVERSAO.2330-NOVELAS-TRAZEM-MAIOR-PARTICIPACAO-NEGROS-MAS-AINDA-LONGE-BRASIL-REAL.aspx>. Acesso em 15/04/2018.

apresentou, em *Viver a Vida*, uma Helena negra e protagonista de uma novela das 21 horas. Em pleno ano de 2018, continuamos a debater os mesmos assuntos. Reflexo de uma sociedade que pouco avançou em relação ao respeito e a diferença.

Em *O outro lado do paraíso* o autor Walcyr Carrasco desconstrói este estereótipo. A negra agora é a uma juíza que venceu na vida graças aos estudos e não deixou por menos nos diálogos dentro do capítulo da novela, onde as vilãs Nádia e Sophia comentam sobre o absurdo que é a obrigação de cotas nas Universidades. Se na televisão temos pouco espaço para os atores negros, o mesmo se dá também na literatura. Para Duke:

além de resistirem ao silêncio herdado, à invisibilidade imposta e à subordinação institucional, continuam a compreender os fundamentos existenciais por trás da elaboração de personagens e contextos, ferramentas imediatamente visíveis na produção de cada nova geração de escritoras que surge. (DUKE, 2016, p.12)

Como se pode notar, o espaço de resistência ocorre em diferentes esferas da criação. O mesmo podemos dizer no cinema nacional, onde não temos espaço para diretores negros. A respeito da criação da trama e personagens, o próprio autor afirma:<sup>15</sup>

Acho que, antes de mais nada, é preciso haver uma relação de prazer entre quem assiste e quem escreve, dirige e produz. Se não houver prazer, simplesmente ninguém vê. Eu, como autor, sinto a pulsão por falar de alguns temas que estão aí na sociedade. O público parece sentir a mesma necessidade, porque corresponde e debate sobre eles. Isso é muito bom.

A título de curiosidade em pesquisa recente a ANCINE( Agência Nacional de Cinema) divulgou que em 2016, dos 146 filmes produzidos a porcentagem de negros trabalhando era mínima e no mesmo ano não houve nenhuma diretora mulher.<sup>16</sup>

Se por um lado temos um vasto universo da criação audiovisual na televisão, hoje, nos faltam críticos com bagagem para analisar este produto. Ter visão crítica é ter uma visão argumentativa e de análise contextual, o que difere do “achismo” que perpassa alguns sites e jornais renomados. Na década de 1980 e 1990, o Brasil tinha Artur da Távola, que era um conhecedor deste universo ficcional e pontuou importantes informações para entendermos essa ponte que liga o telespectador com a telenovela. Távola analisou que a telenovela:

<sup>15</sup>CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/noticia/o-outro-lado-do-paraiso-walcyr-carrasco-faz-balanco-da-novela-e-elege-suas-cenas-favoritas.ghtml>. Acesso em 18/02/2018.

<sup>16</sup>ANCINE. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-137420>. Acesso em 14/04/2018.

"1) Destina-se a um consumo indiscriminado. Enquanto havia apenas a tecnologia do livro, este, necessariamente, discriminava o consumo, pois só chegava aos letrados. A telenovela veio estender formas literárias ou liberalizantes a um público indiscriminado. Chega ao culto e ao não culto. Tal realidade modela-lhe forma e conteúdo. 2) Vive da aceitação do mercado. A telenovela está em íntima relação com quem a consome. O telespectador é pesquisado, conhecido, logo, sua opinião tem peso. 3) Seu mercado se manifesta ao longo dos capítulos e precisa ser permanentemente "consultado" por pesquisas. 4) A produção precisa obedecer a um veloz andamento para não comprometer o fluxo dos demais programas. A telenovela, na sua realização, possui um ritmo industrial sendo, portanto, muito mais um serviço dramaturgicamente do que, propriamente, uma categoria estética. 5) As proposições estéticas e culturais devem-se enquadrar no repertório conceitual do público. Jamais, numa telenovela, o autor pode fazer um discurso isolado, sem estabelecer, para o que queira dizer, pontes de relacionamento com o público. 6) Dificilmente a telenovela é obra de um criador isolado. O resultado final depende da equipe realizadora e dos propósitos e condições oferecidas pelo canal produtor, embora, por outro lado, apesar disso, possa haver a presença estilística dos autores, marcando acentuadamente o produto. Essa contradição é típica da telenovela: ao mesmo tempo em que é obra de autor, o é de equipe. Sem se compreender tal dualismo é difícil alcançar a complexidade do seu processo de feitura." (TÁVOLA apud Martins, 2007, p.3)

Távola destacou um fator importante no processo de contar uma história: o trabalho de equipe. Ao pensar o produto "telenovela" é preciso incluir duas expressões dos meios de comunicação e do universo digital: indústrias criativas ou indústrias de conteúdo. A expressão surge no pensamento do pesquisador francês Frédéric Martel. A TV Globo, por exemplo, tende em uma linha comercial tornar-se uma produtora de conteúdo, algo que já faz há anos ao exportar suas novelas, porém, agora como foco nos seriados e reality shows. Para Martel, a guerra cultural mundial já foi declarada "à medida que novos gigantes surgem na economia mundial- a China, a Índia, O Brasil, mas também a Indonésia, o Egito, o México, a Rússia -, sua produção de divertimento e informação igualmente aumenta". (MARTEL, 2012, p.15). É a emergência da cultura dos países emergentes.

O autor de uma telenovela convive com as tensões entre uma afirmação regional e a busca de sucesso mundial, as dificuldades enfrentadas na defesa dos valores num mundo em que os conteúdos vão-se tornando globais. A busca dos arquétipos estão em

voga no decorrer do processo criativo. Questionado sobre a escolha de mulheres fortes para protagonizarem a trama, a autor foi enfático: <sup>17</sup>

Sempre gostei de trabalhar personagens femininas, com intensidade. Mas quando escrevo é por intuição. Acho que o autor tem uma antena que capta o momento. Fico aberto, mas sem planejar, como se fosse um especialista em marketing. Planejar estar de acordo com o momento seria não criar. E eu crio.

Os temas abordados foram acolhidos pelos telespectadores e ganharam o debate nas redes sociais. A ideia lançada por Carrasco se coaduna com a fundamentação do pesquisador britânico David Brennan, pois o mesmo pontua que “estamos assistindo TV em telas maiores e melhores. A qualidade da produção está melhorando o tempo todo. Podemos, como nunca antes, armazenar, compartilhar, aprimorar e personalizar a programação de televisão que amamos.”<sup>18</sup>

Mikhail Bakhtin é um autor que oferece um rico suporte para pensar a comunicação e suas implicações. Bakhtin (2010) defende que as diferentes esferas de comunicação humanas, ou seja, as diferentes áreas em que os grupos sociais atuam e interagem, são formadas por repertórios de gêneros que lhes são próprios. Apesar de ter pensado basicamente em gêneros orais e escritos, o estudioso russo abre generosas veredas para estudos contemporâneos, ao afirmar que “a riqueza e a variedade dos gêneros é equivalente à diversidade das atividades humanas.” (BAKHTIN, 2010, p.38). Quanto mais um ramo de atividade humana se desenvolve, mais complexa se torna sua produção de gêneros, um ponto de partida fundamental para a concepção de que os gêneros medeiam a atividade de linguagem humana em todos os níveis. Seja no folhetim, nos seriados ou nas telenovelas, as ferramentas desenvolvidas no passado se adequaram ao novo tempo e continuam a seduzir o público pelo melodrama, a trama, o riso e o pranto, estes elementos tão humanos que nos conectam em qualquer parte do universo.

---

<sup>17</sup>CARRASCO. Walcyr. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/noticia/o-outro-lado-do-paraiso-walcyr-carrasco-faz-balanco-da-novela-e-elege-suas-cenas-favoritas.ghtml>. Acesso em 18/03/2018.

<sup>18</sup> BRENNAN, DAVID. BRENNAN, David: Milênio-Globonews>. Disponível em: <http://globosatplay.globo.com/globonews/v/5400547/>. Acesso em 10/02/2018

## Considerações finais

A TV é uma experiência compartilhada. O que se nota em O outro lado do Paraíso é que a curiosidade em relação às outras culturas continua presente em nosso dia a dia, mesmo com a velocidade das redes sociais. A telenovela lança uma malha de significação que vai passando via mensagens e comentários, tal como nos tempos da fogueira. O Facebook tornou-se um grande calçadão virtual, onde todos se encontram, se observam e têm opinião formada sobre tudo. A telenovela tem apenas a função de ser um folhetim eletrônico de entretenimento, mas consegue fazer mais do que isso. É notável como as discussões vão além da tela. Este mérito deve-se à ousadia dos nossos autores que trabalham a telenovela com o contexto contemporâneo. Carrasco faz este diálogo junto ao público que lhe acompanha nas redes sociais. O termômetro desta audiência que se cruza nas diferentes modalidades acontece pela repercussão que a próprio autor acompanha. Abordar questões inerentes a negritude é necessária devido a própria dívida que a sociedade tem com os negros, em anos de humilhação e falta de suporte, principalmente, nos avanços em relação à educação. Neste sentido, é louvável um autor colocar em debate um tema que gera polêmica em pleno horário nobre. Não deveria ser polêmico, o que torna assustador o quanto percebemos que a sociedade brasileira não evoluiu ao longo dos anos. Houve muitas conquistas e outras tantas ainda precisam vir.

O alcance de uma telenovela possibilita uma grande abrangência em todo território nacional e o mais fascinante é a relação de cumplicidade com o telespectador, que, dependendo de sua visão, cultura e informação, pode chegar a um maior entendimento da obra da obra e do respeito as diferenças.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUKE, Dawn. **A escritora Afro-Brasileira ativismo e arte literária**. Belo Horizonte: editora Nandyala, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira**.Org. Maria Immacolata Lopes. Porto Alegre: Sulina, 2013

---

MARTEL, Frédéric. **Mainstream: a Guerra Global das Mídias e das Culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús, REY, German. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001.

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Cia das Letras, 2.ed, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A televisão é uma forma de vida**. Revista FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia, nº 16. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, dezembro/2001.

### **Internet**

BRENNAN, David. Entrevista programa Milênio- Globo News. Disponível em:

<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/5400547/>. Acesso em: 31/03\2017.

MARTINS, Viviane Sales. Uma paixão nacional e cultural: a temática das telenovelas retratada nas capas da revista Veja. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0532-1.pdf>. Acesso em 21/03/2018.

O OUTRO LADO DO PARAÍSO. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso>. Acesso em 19/02/2018.